

**Em silêncio descobri essa cidade no mapa**

**Herberto Helder**

Enviado por:

Publicado em : 20/06/2008 21:50:00

Em silêncio descobri essa cidade no mapa  
a toda a velocidade: gota  
sombria. Descobri as poeiras que batiam  
como peixes no sangue.  
A toda a velocidade, em silêncio, no mapa -  
como se descobre uma letra  
de outra cor no meio das folhas,  
estremecendo nos olmos, em silêncio. Gota  
sombria num girassol. -  
essa letra, essa cidade em silêncio,  
batendo como sangue.

Era a minha cidade ao norte do mapa,  
numa velocidade chamada  
mundo sombrio. Seus peixes estremeciam  
como letras no alto das folhas,  
poeiras de outra cor: girassol que se descobre  
como uma gota no mundo.  
Descobri essa cidade, aplainando tábuas  
lentas como rosas vigiadas  
pelas letras dos espinhos. Era em silêncio  
como uma gota  
de seiva lenta numa tábua aplainada.

Descobri que tinha asas como uma pêra  
que desce. E a essa velocidade  
voava para mim aquela cidade do mapa.  
Eu batia como os peixes batendo  
dentro do sangue - peixes  
em silêncio, cheios de folhas. Eu escrevia,  
aplainando na tábua  
todo o meu silêncio. E a seiva  
sombria vinha escorrendo do mapa  
desse girassol, no mapa  
do mundo. Na sombra do sangue, estremecendo  
como as letras nas folhas  
de outra cor.

Cidade que aperto, batendo as asas - ela -  
no ar do mapa. E que aperto

contra quanto, estremecendo em mim com folhas,  
escrevo no mundo.

Que aperto com o amor sombrio contra  
mim: peixes de grande velocidade,  
letra monumental descoberta entre poeiras.  
E que eu amo lentamente até ao fim  
da tábua por onde escorre  
em silêncio aplainado noutra cor:  
como uma pêra voando,  
um girassol do mundo.

Não te queria quebrada pelos quatro elementos.  
Nem apanhada apenas pelo tacto;  
ou no aroma;  
ou pela carne ouvida, aos trabalhos das luas  
na funda malha de água.  
Ou ver-te entre os braços a operação de uma estrela.  
Nem que só a falcoaria me escurecesse como um golpe,  
trêmulo alimento entre roupa  
alta,  
nas camas.

Magnificência.

Levantava-te

em música, em ferida  
- aterrada pela riqueza -  
a negra jubilação. Levantava-te em mim como uma coroa.  
Fazia tremer o mundo.

E queimavas-me a boca, pura

colher de ouro tragada  
viva. Brilhava-te a língua.

Eu brilhava.

Ou que então, entrecravados num só contínuo nexa,  
nascesse da carne única  
uma cana de mármore.

E alguém, passando, cortasse o sopro  
de uma morte trançada. Lábios anônimos, no hausto  
de árdua fêmea e macho  
anelados em si, criassem um órgão novo entre a ordem.  
Modulassem.

E a pontadas de fogo, pulsavam os rostos, emplumavam-se.  
Os animais bebiam, ficavam cheios da rapidez da água.  
Os planetas fechavam-se nessa  
floresta de som unânime  
pedra. E éramos, nós, o fausto violento, transformador  
da terra

Nome do mundo, diadema.

A oferenda pode ser um chifre ou um crânio claro ou  
uma pele de onça  
deixem-me com as minhas armas  
deixem-me entoar as onomatopéias, a minha canção de glória.  
À noite o cabelo frio  
de dia caminho por entre a fábula das corolas  
sim, eu sei, queimam-se de olho a olho selvagem mas não se movem  
mais altas que eu, mais soberanas, amarelas.  
Escuto a travessia cantora dos rios no mundo  
depois aparece a longa frase cheia de água.  
Guio-me pelas luas no ar desfraldado e  
grito de água para água levanto as armas  
gritando  
enquanto danço o algodão cresce fica maduro o tabaco.  
Ninguém fez uma guerra maior. Corno chumbado em sangue e osso,  
crânio com luz própria pousando na sua luz,  
na pele  
as pálpebras abrindo e fechando ¿quem se exaltava  
vestido com elas?  
Meti na boca um punhado de diamantes - e  
respirei com toda a força. E tremi ao ver como eu era inocente, assim  
com dedos e língua calcinados; e  
levando a mão à boca entoei a canção inteira das onomatopéias;  
era a guerra. Como se caça uma fêmea com tanto sangue entre as ancas?  
A ouro rude. Boca na boca  
enchê-la de diamantes. Que fique a brilhar nos sítios  
violentos. Doce, que seja doce, acre  
mexida na sua curva de argila sombria andando coberta de olhos,  
onça pintada no meio de flores que expiram.  
Quem ergue o hemisfério a mãos ambas acima da testa?  
quem morre porque a testa é negra?  
quem entra pela porta com a testa saindo da fornalha?  
O animal cerrado que se toca a medo:  
o braço estremece, o coração estremece até à raiz do braço  
entre carmesim e carmesim  
bárbaro, estremeecem  
a memória e a sua palavra. Tocar na coluna  
vertebral o continente todo  
toda a pessoa - transformam-se numa imagem trabalhada a poder  
de estrela. Quando se agarra numa ponta e a imagem  
devora quem a agarra.  
No chão o buraco. da estrela -

Sobre os cotovelos a água olha o dia sobre

os cotovelos. batem folhas da luz  
um pouco abaixo do silêncio. Quero saber  
o nome de quem morre: o vestido de ar  
ardendo, os pés e movimento no meio  
do meu coração. O nome: madeira que arqueja, seca desde o fundo  
do seu tempo vegetal coarctado.

E, ao abrir-se a toalha viva, o  
nome: a beleza a voltar-se para trás, com seus  
pulmões de algodão queimando.

Uma serpente de ouro abraça os quadris  
negros e molhados. E a água que se debruça

olha a loucura com seu nome: indecifrável cego

\*\*\*\*\*